

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	17.º Anno — XVII Volume — N.º 573	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa. L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, m. forte)	38800	18900	6950	6120	21 DE NOVEMBRO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	23000	8—	8—		
Extrang. (união geral dos correios)	58000	28500	8—	8—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Está já organizado em Lisboa, o serviço da vacina anti-diphtherica.

No laboratorio de bacteriologia do Hospital de S. José acha-se definitivamente installada a secção especial para a cultura do bacillo do *crup* e em poder do sr. dr. Pestana existe já ha tres dias, segundo noticiaram os jornaes, o *serum* anti-toxico do garrotinho, essa extraordinaria descoberta do dr. Roux que veio fazer uma completa revolução na therapeutica moderna e que ha de ficar sendo uma das mais gloriosas e humanitarias descobertas do seculo que está a findar.

A rapidez com que entre nós se installou esse importante serviço, e que contrasta singularmente com a morosidade com que de ordinario cá chegam as grandes novidades scientificas, deve-se — honra seja a Sua Magestade! — gentilissima e virtuosa Rainha dos Portuguezes, a sr.ª D. Amelia, á sua sympathica e humanitaria iniciativa, á sua alta intervenção.

Apenas a experiencia mostrou triumphante, com centenaes de exemplos, a efficacia das injeccões anti-diphthericas do dr. Roux, Sua Magestade a Rainha, pensando sempre nos pobres, nos doentes, nos desgraçados, de quem é mãe piedosa, pôz logo em jogo a sua poderosa influencia para que, quanto antes, a diphtheria, essa terrivel e implacavel enfermidade que tantas victimas faz todos os annos entre nós, fosse combatida por essa nova therapeutica, que tão triumphantes resultados está dando em França, e ao mesmo tempo que offerecia para o laboratorio bacteriologico de Lisboa uma porção dos melhores cavallos das caudelarias da casa real, para n'elles ser injectada a vacina anti-diphtherica e poderem fornecer o milagroso *serum*, mandava pedir a França ao dr. Roux uma porção d'esse *serum* para se proceder ás primeiras inoculações.

E foi evidentemente a alta intervenção da augusta soberana, que se deve a rapidez com que o pedido de Portugal foi attendido, no meio da enorme aluvião de pedidos identicos, que de toda a parte do mundo chove no laboratorio do illustre sabio francez, pedidos que geralmente não são attendidos, em consequencia da diminuta quantidade de *serum* que por enquanto o laboratorio do dr. Roux pode fornecer, apesar das grandes sommas com que os poderes publicos da França e as subscrições particulares, tem concorrido já para o desenvolvimento da producção d'esse *serum*, que é custosissima.

O dr. Roux, porém, attendeu immediatamente com a maior gentileza á requisicão da Rainha dos portuguezes e ha tres dias, como já dissemos, Sua Magestade recebeu de Paris uma porção de *serum* anti-diphtherico, a primeira remessa que vem para Portugal e enviou-o immediatamente ao sr. dr. Pestana, para o illustre bacteriologista dar logo começo aos seus trabalhos.

Se o nome da Rainha não fôsse já tão querido, tão respeitado, por todos os portuguezes, pelos beneficios enormes que desde que se sentou no throno de Portugal a Rainha D. Amelia tem espalhado prodigamente por todo o paiz, bastava este serviço enorme que a augusta princeza acaba de prestar tão sollicitamente a Portugal,

para que esse nome abençoado ficasse sendo adorado por toda a nação.

E por isso ao escrevermos hoje estas linhas, repetimos a phrase que aqui escrevemos ha um anno ao darmos a noticia da creação do dispensario para as creanças, phrase que todo o paiz repete connosco, cheio de gratidão e de entusiasmo:

— Bem dita seja a Rainha!

A descoberta milagrosa da vaccina diphtherica importa, como dissemos, uma revolução completa na therapeutica moderna, porque não se trata sómente da descoberta d'um remedio mais ou menos efficaz para o tratamento d'uma certa

doença, trata-se d'uma revolução radical na arte de curar.

A importancia philosophica da descoberta do dr. Roux é tão grande como a sua importancia humanitaria, diz a respeito d'ella um illustre medico francez, historiando-a n'um brilhante artigo, d'um palpitante interesse d'actualidade.

Ha certas especies de animaes, e mesmo certas raças e certos individuos, que não se sabe bem porque, são absolutamente refractarios a certas e determinadas doenças, como por exemplo os pretos que são inacessiveis ao vomito negro, os bois que são inacessiveis ao mormo, as cabras que foram por muito tempo julgadas refractarias á tuberculose, e que ainda hoje, apesar d'estar provado não terem a immunidade absoluta d'esta enfermidade, são muito menos atreitas a ella que as outras especies de animaes.



PADRE ANTONIO D'ALMEIDA

(Copia de uma photographia do sr. Carlos Belvas)

D'onde vem a essas raças, a essas especies a esses individuos, esse extranho privilegio d'immunidadade para certas doencas?

Não se sabe ao certo mas era logico imaginar que mesmo que o sangue que banha todos os orgãos não fosse o instrumento, a sede d'essa immunidadade, devia pelo menos existir n'elle o não sei que mysterioso d'essa mysteriosa invulnerabilidadade, e d'ahi a idea da transfusão do sangue dos individuos indemnes aquelles que o não são, o tratamento da tuberculose pelas injectões do sangue de cabra, a tentativa para preservar os europeus da febre amarella injectando-lhe sangue de preto.

Essas tentativas, essas experiencias não deram, porém, resultados definitivos. Os homens de sciencia chegaram a tentar substituir as injectões do sangue completo com os seus globulos e as suas alluviões heteroelitas pelo *serum* do sangue, mas o resultado foi o mesmo, vago e ambiguo: *c'était toujours bonnet rouge et rouge bonnet*, como diz o illustre medico, cujo artigo curioso estamos seguindo passo a passo.

Como os resultados fossem deficientes, os chimicos, os physiologistas, e Pasteur á frente d'elles, ponderaram que, se a immunidadade pôde ser espontanea pôde tambem ser adquirida, d'ahi o methodo pastoriano do *virus* attenuado, que consente em vaccinar o individuo com as substancias proprias para lhe paralyzarem, do seio no seu organismo modificado, as influencias morbificas, isto é, em crear-lhe artificialmente uma disposição physiologica semelhante á disposição physiologica dos individuos congenitamente indemnes da doença que se trata de curar.

Esta modificação do primitivo systema deu muito melhor resultado, mas esse resultado não era ainda definitivo, certo, absoluto, aquelle a que se visava; a idea da serotherapie continuava a fazer o seu caminho e fel-o.

Reconheceu-se que os microbios não operam pela destruição directa dos tecidos, mas sim que a sua acção nefasta se exerce principalmente por meio de venenos chimicos soluveis, *toxinas*, que destillam e cuja absorção determina uma infecção geral como o veneno das serpentes.

Dois d'esses microbios, sobretudo o bacilo de Loeffler (o fermento do garrotinho) e o bacilo de Nicolaier (o bacilo do tetano) tem um veneno tão activo que mesmo localizados, o primeiro nas fendas membranas, o segundo á superficie da ferida, o seu *virus* é tão subtil e tão copioso que, em segundos apenas, invadem todo o organismo e produzem morte rapida e implacavel.

Conhecido este andamento da morte pela infecção do virus dos microbios, dois sabios famosos, o allemão Behring e o japonex Kitasato, lembraram-se de que o mysterioso poder da vaccina devia dirigir-se não contra o microbio, mas sim contra a *toxina*; não contra o fermento animado do mal, mas sim contra os productos inanimados da fermentação; por outras palavras comprehendem que se o *serum* dos animais dava a immunidadade não era porque matasse os microbios mas sim por que neutralisava os virus por elles elaborados, porque creava um principio *sui generis*, a *antitoxina*, que modificava as *toxinas* d'esses bacilos e as tornava inoffensivas.

A theoria era a boa, a verdadeira, faltava porém pol-a em pratica.

Os dois illustres sabios tentaram n'o mas não o conseguiram senão em relação ao tetano e ainda assim a intoxicação tetanica é tão rapida que a inoculação dá poucos ou nenhuns resultados favoraveis.

Emquanto á diphtheria não conseguiram nada e estava reservado ao dr. Roux o espirito mais serio, mais pertinaz, mais lucido da bacteriologia contemporanea resolver o problema da vaccina anti-diphtherica, e resolveu-o d'um modo triumphante e definitivo, que é a gloria do nosso seculo e que collocou o nome de Roux ao lado dos radiosos nomes d'esses grandes benemeritos da humanidade que se chamam Pasteur e Jemmer.

A diphtheria, a terrivel enfermidade que tantas victimas tem feito, está finalmente vencida e o famoso bacteriologista ao sahir triumphante d'esta lucta gigantesca, em vez de descansar, pensa já em atacar outro inimigo implacavel da humanidade, que dia a dia pela mansa, sem dar nas vistas, sem espalhar panico, tem feito mais mortes que todas as grandes epidemias reunidas, a tuberculose.

O dr. Roux, segundo consta, está-se preparando para entrar em lucta contra o bacillo das cavernas, até hoje invencivel a todos os ataques. Oxalá que mais feliz que o dr. Koch, o dr. Roux triumphante da tísica como acaba de triumphar da diphtheria e então, como diz Emilio Gautier, nenhuma gloria humana igualará a sua *in sacula sanctorum*.

Cumpria-nos hoje o dever gratissimo, como chronista, o enorme prazer como amigo, de nos occuparmos aqui detidamente da nova peça de D. João da Camara, o *Pantano*, que na noite de 10 do corrente subiu pela primeira vez á scena no theatro de D. Maria, peça que tão discutida tem sido e que tantas opiniões desencontradas tem suscitado, desde criticas que são verrinas, até criticas que são apotheeses.

Entretanto, no meio d'essa confusão de opiniões ha um ponto em que todos, tanto os que mais elogiam a peça como aquelles que mais a censuram, estão d'accordo; é no talento enorme, colossal, que resulta brilhante de toda ella.

Uns dizem que esse talento se estraviou em caminhos errados, outros que elle se glorificou trilhando um caminho novo, que leva á nova arte, que traz ao theatro portuguez novos ideaes.

E d'ahi agitem se questões de escolas, discussões de processos, debates de formulas, como se em arte não houvesse acima de todas essas questiuiculas ephemerias de escolas, essa grande coisa dominadora que é muito superior a todas as formulas e a todos os processos, que triumpham sempre e que se impõe a tudo e a todos, essa coisa que raros possuem e que D. João da Camara tem ás carradas:—o Talento!

Podem dizer do *Pantano* o que quizerem, que é uma peça maravilhosa ou que é uma peça confusa, que é uma obra prima d'uma escola nova que surge entre nós, ou que é uma peça tetrica com *trues* de velho melodramma, que é um deslumbramento ou que é uma massada, o que ella é incontestavelmente é o trabalho d'um talento prodigioso!

Conheciamos a peça da leitura e essa leitura produziu-nos o effeito d'assombro das obras genias.

Calculámos logo que essa peça transportada para o palco havia de perder parte do seu encanto mysterioso, quasi phantastico, pela difficuldade quasi insuperavel de dar na scena vida aquellas creaturas d'uma grandeza estranha, aquella linguagem tão estranha tambem, que parecia mais feita para ser psalmodiada do que fallada.

Se accertámos ou não nos nossos calculos não o sabemos ainda.

Abriendo uma excepção nos nossos habitos caseiros de doente, não quizemos deixar d'ir na noite da *première* do *Pantano* ao theatro de D. Maria, mas do logar d'onde estavamos não viamos a scena e mal ouviamos de vez em quando os artistas, que n'essa noite, ou por defeito nosso ou de feito d'elles, nos pareceram estar todos muito baixos, como se diz em linguagem de theatro, e o estado melindroso da nossa saude não nos permitiu arrostar durante todo o espectáculo com o calor asphixiante da sala, não nos deixando portanto seguir a peça com a attenção escrupulosa e continuada, indispensavel para a poder apreciar devidamente.

Um pouco melhor dos nossos incommodos tencionamos brevemente ir ouvi-la, com mais saude e oxalá que com menos calor, e então fallaremos d'ella mais detidamente, d'ella e do seu desempenho, limitando-nos hoje a registar aqui o seu apparecimento no theatro, de D. Maria e a enorme sensação que tem feito no nosso meio litterario e theatral, as discussões que tem levantado, discussões que são a prova mais frizante do seu alto valor, porque, como é sabido, não é discuido quem o quer ser!

Gervasio Lobato.

O PADRE ANTONIO, DE OBIDOS

Obidos — «a sempre leal» — quem não terá d'ella noticia?...

Havia tres seculos que fôra fundada, quando principiou a contar se a era vulgar.

Encerrada dentro de muralhas, com as raizes entranhadas na vertente d'um monte, envolta em sombras, que resumbram a sua melancolia habitual; — sempre pobre, tendo sido a querida de reis, o dote da rainha santa; — Obidos é de todas as villas da estremadura a que na sua individualidade não tem ainda uma ruga.

A lagôa a que dá o nome é das maiores, a maior talvez, de Portugal. Nas suas aguas e nas suas margens — aridas e nuas — quebra-se um echo do Oceano. Como este se embravece ou se abranda, assim ella se agita retumbante ou se torna ao seu remanso. E' triste sempre, mas sempre bella! Dizem que dá pão, peixe e carne, porque os seus li-

mos fertilizam as terras, nas suas aguas se recreia a pesca e nas suas ribas enxameia a caça.

Obidos é torreada por duas ordens de baluartes; — uns que se desmoronam, outros que se consolidam; uns que se chamaram castellos, outros que continuam a chamar-se egrejas.

Entre estas distingue-se a do Senhor da Pedra. Conta seculo e meio. Traçou-lhe o risco Rodrigo Franco; correu com as despesas da construcção D. João V. o *Magnanimo*. A Imagem que ali se venera, apesar de ser tosca e de pedra, nas tres mil e poucas mais almas, que a villa povoam, conserva accessa, dia e noite, a luz purissima da fé, e sempre ineffavel a consolação da esperanza christã.

Josepha de Obidos (Josepha Ayala da Figueira) foi uma pintora celebre. A gravura, que illustra a edição dos *Estatutos de Coimbra*, é obra sua. Uma creança de dezanove annos era ella então! Nas egrejas da villa, na de S. Pedro, por exemplo, onde jaz, lá estão os seus quadros.

Os Malhões, poetas maviosos, um d'elles, que ainda alcançamos, pregador dos mais distinctos, entre os que levantaram as tradições de Antonio Vieira, d'ahi eram tambem.

No tempo de uma e outros, quem ia ás Caldas a Obidos ia logo, em reverencia de seus nomes e admiração de suas prendas.

Ha annos, e não ha muitos, foi para ali um padre. A povoação, a capella do Senhor da Pedra e elle identificaram-se tão intima e indissolovelmente, que nunca mais se tornou a dizer — «Obidos» — que não se dissesse — «o padre Antonio.»

Se o OCCIDENTE publica-se quantas gravuras n'este numero publica, sem o retrato que as encima a todas, deixaria um espaço em branco, tentasse encher o fosse com o que fosse ou com quem quer que fosse. Nem Obidos se reconheceria n'esses desenhos, se ahi não estivesse o padre Antonio, nem deixaria de dar pela falta d'elle, quem já visitou Obidos.

Vamos a saber o que ha de extraordinario n'esta entidade, de que se desvaneca e vangloria uma povoação, que tem todas as austeridades de vetustez e todas as sobrancerias de quem deu gasalhado ás maiores grandezas, e não se deixou ir após ellas.

O padre Antonio vive n'um ermo; — quando é preciso entra na sociedade. Não se atavia nem se disfarça; não se rebuca na capa, para que o não conheçam; não vem de manso, para que não deem por elle. Rosto descoberto, passo largo, palavra franca, o homem que puxa as redes na lagôa, que aponta a caça nos montes, é o mesmo que enche as salas com a sonoridade da sua voz de baritono. Ninguém hezita ao vel-o: é um padre. Não consentiria elle que alguém duvidasse de que o seja.

Ou a sociedade é boa ou má. Se é boa, porque não ha de frequental-a o padre? Se é má, como ha de o padre admoestal-a e corrigi-la, se a não tratar e conhecer de perto?...

O padre Antonio trabalha para os pobres. O seu trabalho é no pulpito. Não ha padre em Portugal, que, na roda do anno, pregue mais do que este prega. As esmolas que lhe dão, reparte-as; — n'esta divisão nunca conta consigo. Pesca e caça; é d'ahi que tira o seu sustento.

Pregador, não se confunde com qualquer outro. Segue a mais perfeita das escolas — a escola de Christo, como a descreveu Castilho, a proposito das parabolás.

As ideas e as frases, as imagens e as figuras nascem lhe ali, no pulpito, — a olhar para uma tela resequida, ou para um quadro em que ha relevos de mestre; — a contemplar uma estatua inerte ou outra com signaes de vida; — a seguir o ultimo suspiro do cantico, que com elle subiu ao altar; — ao surprehender o sorriso de uma creança que o fita absorta; — ao ouvir a chuva que cahe ou o gorgoejo das aves que descantam lá fóra o hymno da criação; — ao deslumbrar-se com a luz do sol, que inunda as naves do templo; — a abraçar as paredes conchegadas da capellinha ou a medir a vastidão do recinto sagrado; — a fallar com a historia, na Batalha, com o monachismo em Mafra, com osromeiros na Nazareth, com os pescadores no Senhor da Pedra, com o coração e com a fé, em toda a parte.

Um minuto antes de surgir no pulpito não sabe que irá dizer: um minuto depois de ter descido esqueceu já tudo que disse.

Esta espontaneidade, posta ao serviço de um espirito culto, de uma imaginação viva, de um sentimento puramente artistico, de uma estatura que sobresahe, de uma voz que vibra, de um gesto que falla e domina, de uma convicção que arasta, conquista-lhe os auditorios.

D'ahi o haver muitas, muitissimas povoações no paiz cuja devoção e piedade ficam desconsoladas e tristes, se nas festas a que chamam suas não prega o padre Antonio.

Um entusiasmo, uma intimativa como a d'elle só assim se pode ter!

Pensamentos meditados, frases acepilladas, discursos escriptos e transcripts no gabinete, repetidos em silencio tantas vezes quantas seja necessario para que a memoria os retenha, quando chegam a ser proferidos já estão requeentados; — o effeito que haviam de produzir em quem os recita passou com a impressão das primeiras leituras.

O padre Antonio é um repentista, tão fluente, tão facil, tão prompto em idéas e tão acertado nos matizes da fórma, como haverá raros entre nós, em qualquer tribuna que os procurem.

A quem isto parecer de mais, por ainda o não ter ouvido, ouça-o!

Se fosse um mercenario teria uma fortuna. Mas não é. Aceita o que lhe dão. Tambem n'isto é padre, e tão padre como em tudo, que por o ser é conhecido.

Todos o dizem: — «o padre Antonio.» Esta identificação do estado com o nome, ou havia de ser uma ironia pungente ou é uma homenagem profunda. De que é uma homenagem não ha duvida: todos o estimam e o desejam. Porque não ha caracter mais igual, sinceridade mais chan, alma mais obsequiadora; — nunca a abnegação poude ir mais longe, nem a independencia ser mais nobre.

Padre, é do seu tempo, porque a missão do clero, combatente, activo, evangelizador passou do cenobio para o seculo, da comunidade enclausurada para a sociedade, que se agita e trabalha, que vive ao ar livre e á luz do dia.

A elle a gloria de ser como é; a outros a tartufice que se contenta em exclaimar: «Senhor!... Senhor!...»

Ferreira Lobo.



AS NOSSAS GRAVURAS

A VILLA D'OBIDOS

D'entre as extensas muralhas fechadas em triangulo, e dentadas d'ameias, obra talvez de melhor memoria que el-rei D. Fernando I deixou de si, ergue-se a historica villa d'Obidos, estendendo a sua casaria pela encosta do monte, ao cimo do qual está o castello, obra de el-rei D. Diniz, dominando todo o povoado.

As torres e cruces das suas igrejas e capellas, quebram as linhas rectas dos telhados e beirões das casas, e em uma ou outra d'estas vêem-se janellas e portaes gothicos ou da renascença, cons-truidos com despojos do castello e das habitações solarengas de grandes senhores, hoje deruidas.

A historia da patria assim como a da arte tem muito que inquerir d'aquelles muros a d'entro, desde a fundação da monarchia até nossos dias.

Assim encontramos a heroica defeza da villa no seculo XIII, pelos seus habitantes que, guardando fidelidade a D. Sancho II, resistiram ao cerco que lhe pôz D. Affonso III. D'ahi lhe veio premio, porque este monarcha fez justiça á fidelidade dos obidienses conferindo á villa o titulo de *Sempre Leal*. O mesmo se pôde dizer da sua heroica resistencia contra a invasão franceza, nos principios d'este seculo, no encontro das forças portuguezas com os invasores, indo ferir-se a celebre batalha da Roliça a 6 kilometros da villa d'Obidos.

E se estas recordações da villa d'Obidos engrandessem a historia gloriosa das armas portuguezas, outras nos fallam ao sentimento, ao lembrar-nos que aquella villa se recolheu por algum tempo o rei D. João II a curtir o desgosto da morte de seu filho o principe Affonso. Ali tambem se acolheu em seu palacio de que ainda ha vestigios, a piedosa esposa de D. João II, a rainha D. Leonor. A chorar a sua viuvez, procurando alivio aos seus infortunios, na pratica de piedosos actos de caridade, instituindo as misericordias em Portugal, como a de Lisboa, e estabelecendo nas Caldas o edificio de banhos que ainda chegou a nossos dias. E sem fallarmos dos nobres senhores que ali tiveram seus solares, vamos encontrar os que illustraram as lettras portuguezas, e que ali viveram, nasceram ou morreram, como o poeta Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão, pae do notavel orador sagrado, padre Francisco Raphael da Silveira Malhão, nascido em Obidos a 16 de março de 1704, e n'esta villa fallecido a 10 de novembro de 1800; e hoje ali vive o não menos notavel orador sagrado o rev. padre Antonio d'Almeida, a que em outro artigo d'este numero se

fere o distincto escriptor e nosso muito presado amigo sr. Ferreira Lobo.

Mais um nome notavel na historia da arte portugueza temos a notar nos fastos da Villa d'Obidos é o de Josefa de Ayala Cabrera, mais conhecida pelo de Josefa d'Obidos, auctora de tantos quadros primorosos, gloria da arte portugueza.

Arrespeito d'esta notavel artista, vamos transcrever alguns periodos de uma interessante carta que o rev. Antonio d'Almeida dirigiu ao distincto collaborador artistico do OCCIDENTE e nosso estimado amigo sr. Christino da Silva que nol-a facilitou:

«Josefa de Ayala y Cabrera, filha de Balthazar Gomes Figueira, obidiense, e de D. Catharina d'Ayala y Cabrera, sevilhana, nasceu em Obidos no anno de 1534, na Rua Nova, ao pé da Porta do Valle, na freguezia de S. Pedro. O pae de Josefa d'Obidos cursou os estudos nas escholhas obidienses; findos os quaes, seguiu a carreira militar. As colegiadas de S. Pedro e de Santa Marta, em Obidos, tinham de obrigação e de devoção escholhas notaveis que muito floresceram e fructificaram até aos principios do corrente seculo.

Com a flor da nossa mocidade militar foi o pae de Josefa d'Obidos levado para Hespanha, quando Filippe III de Portugal, assim o impôz... Foi, no entretanto, dos menos infelizes, pois que pôde casar em Sevilha com D. Catharina d'Ayala, e assim, além do mais, dar-se immuniades que muito lhe valeram para o seguinte:

Como em Portugal, na epocha do casamento de Balthazar Gomes já se tratasse da revolução que teve a sua alleluia no 1.º de Dezembro de 1640, e d'isto tivesse noticia o bom do obidiense, logo cuidou de dar aso e traça, quanto poude, para que a coisa fosse a porto de salvamento. Pelo que se passou a Obidos, com a esposa dilecta. E então nasceu em Obidos a nossa grande amadora da bella arte dos Apelles, dos Miguel Angelo, dos Rubens, dos Murillos e dos Grão Vasco...

Paginas gloriosissimas d'essa phase-brilhantissima da historia do nosso patriotismo foram as faxas d'aquella creança, e o sol das nossas derradeiras glorias foi a luz d'aquelle berço.

Era abastado o pae de Josefa d'Obidos. Que conste de bons documentos, possuia elle cerca de Obidos, magnificas propriedades, ainda hoje conhecidas pelo nome de Quinta da Navalha, Quinta das Cruzes, Casal da Calçada, etc. etc.

A Quinta do Casal da Calçada, talvez porque era mais cerca de Obidos, foi á mais predilecta do pae de Josefa d'Obidos e da propria Josefa.

Josefa d'Obidos, primorosamente educada, principiou desde menina a notabilisar-se como pintora. Um frade arrabido do convento de S. Miguel das Gaeiras, foi, cuidou eu, o seu primeiro mestre. Iria longe a demonstração d'isto. Basta que aqui lhe diga que são muito irmãs das pinturas do frade as do primeiro modo de Josefa d'Obidos. Colorido, modo de desenho, applicações do claro-escuro, e mesmo alguns defeitos de tonalidade, é tudo muito semelhante no pintar d'elle e d'ella.

Alguns quadros que nem sei como, atravessaram essa epocha de razia, em que foi gloria de muito louvor o destruir tudo quanto era de conventos e igrejas — destruir e roubar —: alguns quadros do frade arrabido cuidou que ainda eu lh'os poderei mostrar, quando um dia o meu bom amigo se resolver a repetir aquella penitencia, que muito bem poderá intitular de — Cinco dias de trabalho e de trabalhos, no presbyterio do P.º Antonio, em Obidos — Isto se a voracidade da traça e dos ratos, e a incuria dos homens pouparem os preditos quadros.

Teve dois modos a grande amadora de pintura. Conhece-os bem o meu bom amigo. Foram, como melhor do que eu, sabe, — O gothico portuguez (Grão-Vasquinho); e o italiano (Raphaelesco).

A collecção dos quadros de Josefa d'Obidos, os quaes o meu amigo viu na igreja de Santa Maria, bem o demonstram.

O segundo modo — o italiano — trouxe-o d'uma demorada que fez em Roma, quando com seu pae foi correr Italia ahi por cerca de 30 annos de idade.

Josefa d'Obidos pintou, — digamos dezenas e dezenas de quadros, que não fugimos á verdade! — Além dos que o meu amigo viu em Obidos, attribuem-lhe tambem os dois da capella de Jesus na igreja da Batalha, e os do tecto da igreja da Misericordia de Peniche; e uns da Sé d'Evora; e muitos dos que estavam na sala do palacio dos Duques de Alafões; e muitos outros ainda que ella deu a pessoas de sua dilecção.

Item: os do magnifico co convento dos Jeronymos de Valbemfeito; alguns dos que estão na capella da Misericordia d'Obidos; e... Quem até ao primeiro terço d'este seculo teve talvez os melhores

quadros d'ella, foi o dr. José Gomes d'Avellar, parente da insigne amadora. Herdou-os da respectiva familia.

Josefa d'Obidos, além de pintora fez tambem o que n'aquelle tempo se chamava — *abrir a martello em prata e cobre, ou abrir de pontinho*.

Foi insigne como retratista. Fama d'isto foi até ao conhecimento da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, que a Obidos veiu de proposito para que Josefa lhe fizesse o retrato da filha, que estava em esponsaes com o Duque Victor Amadeu de Saboya.

O primor da execução correspondeu á fama da executante por tal modo, que o retrato, que Josefa d'Obidos fez, foi o escolhido para ir até ao Duque.

E a resar, a ler mistica, e a pintar ou a gravar passou a notavel amadora o seu doce tempo obidiense, até á idade de 50 annos, pois que morreu na sua Quinta do Casal da Calçada, cerca da Capella de Sant'Iria, d'Obidos, no anno de 1684 a 2 de julho.

E' na igreja de S. nta Maria, em Obidos que se conservam o melhor dos quadros de Josefa d'Obidos, verdadeiros primores da pintura.

Esta igreja, de tres naves tem um portico de boa architectura da Renascença.

Outro templo muito original pela sua fórma architectonica, é a capella do Senhor da Pedra, de que é capellão o notavel orador sagrado rev. P.º Antonio d'Almeida.

Está construido este templo a 500 metros da villa em terreno plano, no sitio denominado dos Arneiros.

E' de fórma exagonal o templo, coroado por uma cupula da mesma fórma revestida de telha vidrada e ladeado de tres torreões, o que não se chegou a concluir ficando apenas da altura da cimalha geral do edificio.

Sobre a cornija da cimalha exterior corre uma varanda, que devia circumdar todo o edificio, se este se concluísse, que permite disfructar um extenso, e lindo panorama ás pessoas que alli sobem.

Este edificio foi construido no seculo passado com o producto de esmolhas dos povos circumvisinhos e com o auxilio de El Rei D. João V, que muito ajudou a obra.

A morte d'este monarcha, foi, seguramente a causa da capella se não concluir, por lhe faltar aquelle poderoso auxilio.

Celebra-se n'esta capella uma grande solemnidade todos os annos, no dia 3 de maio, a que concorre povo de todas as freguezias circumvisinhas, fazendo grande arraial.

Temos ainda de notavel na villa d'Obidos o seu grande aqueducto que conduz agua para os charizes da villa.

O seu castello é dos menos arruinados que se encontram por esse paiz fóra, e a seu respeito publicou o OCCIDENTE a paginas 142 do IX volume, um bello artigo firmado pelo nosso querido amigo e redactor do OCCIDENTE sr. dr. Luiz Jardim hoje conde de Valençães.

RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

II

NA RETIRADA DE SANTAREM

As vinhas que circumdam a villa de Santarem orlavam as estradas com uma sêbe interminavel de verdes pampanos e de fructos tentadores. Vergavam as cépas ao peso dos avolumados cachos. As uvas, deliciosas de maduras, umas da côr do azeviche; transparentes outras como o ambar, e doces que nem favos de mel, pareciam estar á espera da vindima e já prestes a dar entrada no lagar. Escuzado será dizer que a nossa soldadesca preava n'ellas á farta e, sem reserva nem escrupulo, ia carregando com quantas podia. Eramos chegados á estação em que a laranja, n'aquelle clima abençoado, attinge a perfeição; e os pomares de Santarem campavam então entre os mais formosos que vecejavam desde ali até Lisboa. Não escapavam tambem as virentes laranjeiras: os seus aureos fructos, dizimados, vinham mitigar a sêde aos invasores.

As tropas estavam animadas do melhor espirito: o bom humor e o contentamento reinava nas fileiras dos alliados.

As linhas de Lisboa, cuja existencia, nem por sombras, o inimigo sequer sonhava, era aliás tão ignorada ainda dos inglezes, como dos proprios portuguezes. Estes, espantavam as fadigas da marcha inventando historias da carochinha ácerca da sorte que os esperava: uns diziam que haviam de

A VILLA D'OBIDOS



CASTELLO D'OBIDOS — DESENHO DO NATURAL PELO SR. J. R. CHRISTINO DA SILVA

ir, de sucia com os inglezes, á pesca do bacalhau; outros, que estavam de partida para Marrócos á cata de D. Sebastião; — no que todos porém estavam de accordo, era em marchar até ao cabo do mundo, comtanto que tivessem á sua frente o Grande *Lord*, a dar *pasáda* nos francezes.

A maioria dos habitantes de Santarem embarcava já, com grande precipitação, para Lisboa, antes da nossa chegada; e, na manhã em que d'ali marchámos, os poucos que tinham ficado vinham fugindo como em rebanhos, no momento em que as nossas tropas desfilavam pelas ruas.

Chegávamos ao fim da descida que vem do alto da villa, quando, ao entrar na estrada de Villa Franca, passei rente com uma quinta. De subito, abre-se o portão, e tres senhoras, novas todas tres, e com ares de gente fidalga, precipitam-se ao meu encontro, e vem cercar-me o cavallo. Quer me

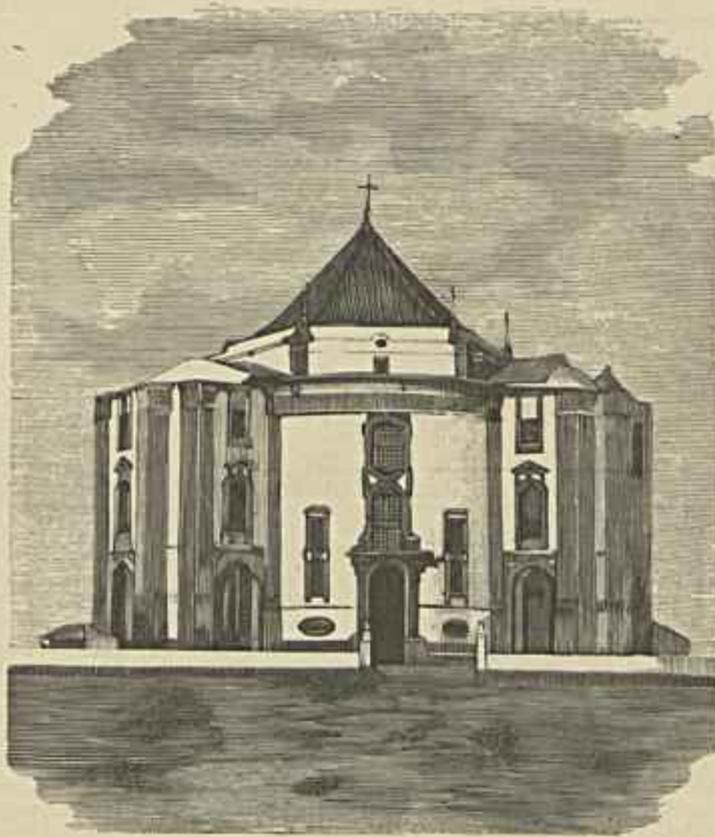
tomassem por algum commissario; ou fosse por terem na minha cara que teria melhor coração que os outros officiaes, meus camaradas — ponto que não tive tempo de averiguar — o que eu sei é que a mais velha, com todo o seu ar delicado, foi deitando a mão ás redeas, enquanto cada uma das mais novas se agarrava com uma das mãos ás abas do meu casaco, e com a outra aos estribos; implorando-me todas á uma, afflictissimas, que, por amor de Deus, não cerrasse os ouvidos ás suas supplicas. Tentei ainda fazer-me forte e mostrar-me tão reservado e inflexivel qual outro cynico de Sinopla, attendendo a que estavam em publico e não faltavam já as risadinhas; mas em fim, se tanto custa a resistir a dois lindos olhos arrazados de lagrimas, quem haverá ahí que não fique de cêra, vendo, em vez de dois, seis a chorar? Enquanto permanecia indeciso, se devia, ou não, dar ouvidos

aos rógos da formosura, fui as deixando, sem querer, encaminhar o meu cavallo para o portão; e o melhor é que me apeei, e não tomara ainda resolução de especie alguma, já as tres meninas tinham, quer sim quer não, apresentado comigo no salão nobre do palacete. Ali, depois de me pedirem perdão por se terem apoderado da minha pessoa com tal sem cerimonia, contáram-me que eram irmãs, que seus paes tinham fallecido havia tres annos, e que a sua avó materna jazia entrévada n'uma cama; que a muita idade a reduzira á segunda infancia e a viver, como encarcerada, ali no quarto contiguo, de todo inconsciente perante a morte horrivel que a esperava, caso se vissem obrigadas a desamparal-a; intregando-a á furia dos desalmados e implacaveis invasores. Tinham andado, havia dias, em constantes diligencias, na esperança de conseguirem dos seus amigos e conhecidos



VISTA GERAL DA VILLA D'OBIDOS — DESENHO DO NATURAL PELO SR. J. R. CHRISTINO DA SILVA

A VILLA D'OBIDOS



CAPELLA DO SENHOR DA PEDRA

(Copia de uma photographia)

qualquer meio de transporte até Lisboa; haviam já pedido auxilio ao Juiz de fora, mas toda a gente andava tão afflicta e preocupada com os proprios negocios, e eram tantos os pedidos no mesmo sentido que ficavam por attender, que todos os esforços empregados tinham ficado sem effeito;

vendo-se por tanto reduzidas á terrivel alternativa, ou de deixarem a pobre velhinha morrer para ali ao desamparo, ou de ficarem ellas tambem, e agora, que o exercito anglo-luso se ia embora, a verem-se expostas aos insultos e ultrajes dos francezes. Ultimamente, accrescentaram, tinham-se,

em ultimo recurso, dirigido a diversos officiaes portuguezes e aos inglezes, tentando apiedal-os em favor da sua triste situação: uns, indifferentes, não fizeram caso das suas supplicas; outros, metteram o caso a ridiculo, e todos se iam retirando, e assim ia deixando ficar, tanto ellas como a avósinha, até que em fim, vendo-me passar, agarraram-se á ultima taboa de salvação que lhes restava.

«Ora esta», disse eu comigo, pois vi que não havia meio de me livrar com desculpas, «estou mettido em boa, não tem duvida». A respeito de transportes, nem carro nem carroça nem coisa que se parecesse; as recuas de muáres do commissariado iam já muito avante, na vanguarda da columna, e mandar tornar para traz qualquer mácho ou mula, atravez de tão enorme montão de gente, era negocio serio.

Eu bem via que tanto montava deixar para ali, só e á mingua, dentro da quinta, a pobre anciã, como collocal-a em cima de uma mula, e obrigar-a a supportar, até Lisboa, os incommodos de uma jornada de quarenta e tantas milhas, mal sentada, em posição contrafeita, exposta ás fadigas inevitaveis do trajecto, ás mudanças de temperatura e sem uma cama, sequer ao menos, para descansar, de noite. Comtudo, tal era a abnegação das donzellas, tão intimo o sentimento do dever filial e tão intenso o affecto de que estavam dando provas, que julguei, em taes circumstancias, não ser licito negar-me a empregar todo o meu prestimo afim de lhes valer. Mandei, pois, trazer, custasse o que custasse, um dos mais possantes máchos das recuas que carregavam as bagagens da brigada, aparelhado de albardão. O criado da quinta, moçetão espadaudo, carregou então com a pobre enferma e, montado no mácho, levou-a adiante de si, meia deitada, amparando-a nos braços. Mais parecia porém, um ente arrancado á mansão dos mortos, que uma creatura d'este mundo.

Os prolongados soffrimentos haviam-a reduzido á magreza de esqueleto: — as compridas e argenteas madeixas soltando-se do lenço que as aconchegava, cahiam-lhe em desalinho sobre o pescocço e os hombros. A' medida que as tropas lhe passavam á beira, em marcha rapida, fitava-as esgazada, fazendo deslisar com os dedos tremulos a contas do seu rosario, e resando a Nossa Senhora dos Viandantes, para que a livrasse de perigos



PELOURINHO D'OBIDOS



EGREJA DE SANTA MARIA

DESENHOS DO NATURAL PELO SR. J. R. CHRISTINO DA SILVA

e trabalhos, na longa jornada que ia empreender. A prece, porém, infelizmente para a pobrezinha, parece não ter logrado elevar-se até nos ouvidos da Virgem. Os soldados, á medida que iam passando, trocavam graças entre si, ao verem o nosso grupo, do que já agora pouco se me dava: — a satisfação de ter concorrido para alliviar, embora em grau limitado, alguns entes indefesos, do quinhão que lhes coubera dos sofrimentos que pesavam sobre os atribulados portuguezes, mais que compensava o supposto ridiculo e as chufas d'aquella gente grosseira quanto inconsiderada. As pobres meninas, vendo afinal a edosa e extenuada avósinha ao abrigo da crueldade do implacavel inimigo, entrouraram á pressa os objectos mais indispenzaveis, e depois de me confundirem, desfazendo-se em sentidos agradecimentos pelo pouco que pudera fazer em seu favor, e de prometterem recambiar o macho mal chegassem a Lisboa, para o lugar que lhes indiquei, lá foram andando seu caminho, seguindo a pé a velha e o moço, e não tardaram muito a confundir-se na distancia, entre o tropel dos fugitivos.

Assim terminou, por agora, a minha aventura da quinta, e é possível que venha ainda a contar algum dia o que depois foi feito d'esta familia; porém, o tempo, com a sua logica implacavel, interpõe outros successos e deixando ir porahi fóra sa gentis meninas, a avó, o criado e o macho, na trabalhosa jornada até Lisboa, vamos nós de retirada para Villa Franca.

As vindimas, tanto n'esta villa como nas da Azambuja e do Cartaxo iam mais adiantadas que nas outras terras do interior da provincia. Já fermentava o vinho nos balseiros quando as tropas appareceram nas designadas localidades. Tive então ensejo, pela vez primeira, de verificar que o facto mencionado por Virgilio nas suas Georgicas, e pelo poeta cantado em verso tão sonoro — que o nosso Dryden tão bem soube traduzir — não era, como eu suppunha, méra ficção. Homens vi em pé, dentro das dornas, a exprimerem o sumo das uvas, com o corpo e os membros tintos em riquissimos cambiantes de purpura, pela constante immersão no moído do vinho tincto; e creio que outrotanto, mais ou menos, se pratica em todas as terras de Portugal. Semelhante processo poderá não agradar inteiramente aos nossos melindrosos quanto requintados amadores do delicioso nectar: — sócegum porém os enjoados; moderem as repulsões á delicadeza offendida; consolem-se reflectindo que a fermentação e o filtro são tão absolutos quanto efficazes meios para a purificação do vinho.

Ficavam as ditas villas fóra das linhas defensivas que o exercito ia guarnecer, e por esse facto, á mercê das depredações do inimigo. Eram expedidos, a toda a hora, piquetes de exploradores, que tinham ordem de abrirem as torneiras aos toneis e balseiros e de arrancarem os tamos a quantas pipas encontrassem.

Os soldados, em vista d'isto, andavam em constante azafama, mergulhados até as covas dos braços em vinho, nas adegas subterraneas, entornando tanto liquido que chegou a alagar as ruas. E assim se perderam para cima de quarenta mil almudes!

Em Villa Franca não houve ter mão nos soldados; os nossos não podiam resistir á tentação: bebiam até fartar, do licor espumante que corria, em jorros, pelas ruas, formando verdadeiros rios e, nas descidas, precipitando-se em torrentes. Vinham em chusma encher as cantinas; quantos e quantos vimos deitados de bruços, na margem da corrente caudalosa do fervilhante licor, rendendo preito ao deus Baccho, até não poderem levantar-se nem ter-se nas pernas; e, postos n'este estado, atirarem com elles para cima dos machos, atal-os com correias ou cordas, e leval-os depois á laia de ódres, para não virem a cair nas mãos do inimigo.

Advertia-se porém que o vinho d'este modo destruido representava apenas uma proporção pouco importante da colheita d'aquelles ferreiros e opulentos districtos. A maior parte da vindima estava armazenada em adegas tão distantes das estradas batidas, que não houve tempo de a inutilisar; e para ali ficou, assim como tantos outros beneficios da Providencia, que vieram a cair depois em poder dos terriveis expoliadores da formosa terra luzitana.

O tempo, delicioso e adoravel durante a retirada, veio, porém, a mudar, na tarde de 7 de outubro, um dia apenas antes do corpo de exercito a que pertenciamos ter alcançado as respectivas posições dentro da linha de defeza.

A enorme multidão dos foragidos que acompanhavam a retirada, teve a fortuna de se achar já, por esse tempo, ao abrigo das linhas protectoras, acampados e aquartellados de todos os modos e

maneiras, e a maior parte Deus sabe como. Se tem vindo dez dias antes as chuvas torrencias que cahiram depois, grande numero d'esses desgraçados teria succumbido ao frio e aos trabalhos do caminho.

A 8 de outubro descobriam-se pela vez primeira á nossa vista, e, maravilhados, saudavamos, no auge da alegria e do entusiasmo, as afamadas linhas de Lisboa, as quaes, desde a Alhandra, sobre o Tejo, estendiam-se por Calhandriz, Bucellas e o Sobral, para o lado do noroeste. O troço de linha conchado á defeza do corpo de exercito commandado por Sir Rowland Hill prolongava-se para a direita, desde a Alhandra até Bucellas: era protegido, da banda do Tejo, pelas canhoneiras inglezas e defendiam-lhe a esquerda as alturas do Sobral. Na rectaguarda d'esta linha abria-se uma comunicação directa entre Bucellas e o Tejo, a qual ia por Alverca, e passava por entre a primeira e a segunda das linhas defensivas. Sobre um alto, á esquerda de Bucellas erguia-se o forte do Sobral, obra formidavel, coroado com diadema de pedra o móro alcantilado em que assentava, e podendo a todo o momento varrer com a sua artilheria a estrada de Lisboa.

A vista d'estes estupendos baluartes, que completavam a linha de defeza entre o Tejo e o Oceano, fez entupir mais de um sabichão no exercito inglez. Não hesitavam estes mestres de obra feita, em futurar ou quando menos, em incutir no animo dos amigos e conhecidos, que estavamos guardados para assistir, n'este retirada, a uma repetição das desastrosas scenas que foram o desfecho da retirada da Corunha.

A indole especial da guerra travada entre os dois belligerantes conservou Masséna completamente ás escuras com relação á existencia d'aquelles famosos baluartes da independencia de Portugal. Dir-se-hia que lord Wellington tinha estendido sobre elles um veu magico impenetravel, que só veiu a erguer no dia em que o seu exercito tomou posse da barreira formidavel que se interpunha entre Masséna e esse exercito que elle, ainda na vespera, estoltamente imaginava ter á sua mercê, e poder em breve esmagar com mão de ferro.

Mas, dizem alguns, o poder defensivo de taes linhas, nunca chegou a ser experimentado: — de accordo; a celebridade que grangearam, porém, foi mais que confirmada pelo respeito que lograram inspirar a Masséna, pois que o principe de Essling, na lição que levou no Bussaco, aprendeu á sua custa o que tinha a esperar de tão impoentes obras, defendidas como o estavam pela coragem e o esforço das duas nações alliadas e pela alta capacidade do seu nobre commandante em chefe.

Spectator.

SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

(Continuado do n.º antecedente)

II

AGUAS PASSADAS

A casa do sacristão era distante da Sé, n'uma rua arrabaldina, quasi toda marginada por muros de quintaes e terrenos maninhos mutilados de pedreiras.

Era uma casinhola fresca, de um só andar, com uma varanda de ferro verde, onde floriam cravos. José Elias possuia-a por herança da madrinha, uma velha celibataria, a quem elle tractara filialmente, durante a lenta enfermidade que a matara. Com esta generosa recompensa, que facilitou os seus primeiros annos de casado, a velha confiou-lhe tambem uma creança de 4 annos, que tinha em casa, e que os familiares indigitavam como filho bastardo de um irmão d'ella, homisiado no Brazil em lidas commerciaes. Ninguém, contudo, tinha informes positivos sobre esta filiação; a velha em nenhum tempo a auctorisara, bem que prodigalisasse ao pequeno cuidados maternos, muito avessos ao seu genio azedo de solteirona caduca. E legando, quando morreu, para a subsistencia da creança, o rendimento de 200,000 réis annuaes, nenhuma palavra deixou que podesse dar razão áquelles que viam no pequeno Estevam a prova das estouvancas do irmão. No testamento, designava-o mesmo, desaffectedosamente, por o «seu protegido Estevam engeitado.» Todavia, pouco antes de morrer, a velha entregara secretamente

ao José Elias, um largo envelope cheio de papeis, lacrado com precauções que parecia provar a importancia do mysterio, e obrigara-o, sob juramento, a guardar fielmente aquelle deposito de que só faria entrega ao pequeno Estevam, quando elle completasse 25 annos de idade. Como bom esposo, o José Elias apenas confiara o segredo de este legado á sr.ª Domingas; e o pequeno foi crescendo na intimidade do casal, tratado com cuidados e disvelles de filho morgado.

— Tu has-de ver, mulher, — dizia frequentemente o Elias á consorte, — tu has-de ver que o rapaz em chegando a tomar posse dos papeis, fica ahí rico como um porco.

— Ora, quem sabe lá! . . . A velha deixou tudo ás confrarias. Só p'ra Misericórdia, foram 10 contos de réis! Mas tambem, regala-se de estar lá pintada n'um painel com tantos arrebiques que ninguém a conhece.

— E tu pensas que ella não tinha mais do que esse dinheiro? Boa, vae ella! Já meu pae dizia que o Hilario Pimenta, o pae da madrinha, tinha trazido do Brazil meio milhão de cruzados, p'ra cima que não p'ra baixo! Ora como elle só teve tres filhos e um d'elles, a D. Henriqueta, morreu solteira, no Rio de Janeiro, com a febre amarella, segue-se que os outros dois, a madrinha e o senhor Placido, que anda lá por essas europas fóra, ficaram cada um com a sua metade.

— A metade do senhor Placido para o pequeno deve vir.

— Sim, tambem me parece; porque é tão certo o rapaz ser filho d'elle, como dois e dois serem quatro. Mas toda a gente diz que o senhor Placido morreu, e se é certo, então bem pode o Estevam fazer cruzes na bocca: vêm p'ra ahí os parentes e arrecadam tudo. Entretanto, como elles ainda não dizem nada, vamos esperando.

Estas palestras conjugaes sobre a sorte do pequeno Estevam, eram frequentes, e d'ellas nascia um novo estimulo favoravel á creança, que era animada como se tivesse já no bolso o meio milhão do seu provavel avô Hilario Pimenta. Crescendo livremente, apenas com as oppressões escolares, que começou a experimentar desde os 7 annos, Estevam manifestava um caracter bondoso e leviano, todo de impetos, facil em lagrimas e coleara, trahindo nos seus actos e palavras, o habito de mandar, sem opposições nem restricções. A sua carreira escolar, assignalada por pugilatos com condiscipulos, foi abandonada ao cabo de alguns annos, em vista do tedio que, transpostas as barreiras do francez e das declinações latinas, o rapaz votou aos livros de estudo. Em compensação, apaixonara-se por leituras indigestas, romances tenebrosos estirados ao longo de dezenas de volumes mal traduzidos, onde uns personagens de nomes barbaros povoavam a banal vida de este mundo, com phantasias mais ou menos excentricas e inverosimeis. As aventuras de Rocambole e os feitos excessivos dos heroes de Lermína, revolveram muito tempo a ingenua comprehensão dos seus 16 annos; desejou ter na sua vida as preoccupações de uma alta obra mysteriosa; e chegou mesmo a combinar, com outros creanças amigos, as bases de uma sociedade, cujo cavalheiresco ideal de bravura era combater todas as oppressões que fortuitamente presenciassem, sob esta divisa commum: *Pelos fracos!*

Este gremio de generosidade, iniciou-se com 6 adeptos, refractarios ás lides academicas, que se correspondiam em cifra e traziam no forro dos colletes, sobre o peito magnanimo, uma faca de uso domestico habilmente aguçada e defendida por uma bainha de couro, como punhal. Mas um dia em que elles quizeram exercer a sua actividade profligadora, contra um operario que beijocava á força uma rapariga aldeã, n'uma esquina, a sorte foi lhes adversa: e elles sabindo todos mais ou menos contusos das mãos rudes e herculeas do operario, deliberaram prudentemente dissolver o gremio e deixar o Mal crescer em liberdade nos pantanos da Terra.

Esta primeira desillusão, á parte a arnica que lhe fez dispender, conduziu Estevam, pouco a pouco, a uma concentração melancolica e sonhadora. Começou a ler versos, coisas sentimentaes; e o seu coração, fecundado por estas leituras, foi gradualmente tornando os seus olhos sensiveis ás doces linhas da filha unica do José Elias, que nunca, até então, o tinha impressionado.

Chamava-se Clara, era um anno só mais nova do que elle; e o seu typo de anemica, cabello alourado, um talhe feliz de physionomia, parecia ter sido creada em ambiente superior áquelle em que a sua mocidade se ia estiolando. Os seus vestidinhos modestos, mais accentuavam, pelo contraste, as linhas singulares do seu bello corpo de estatus; e, como se esta incompatibilidade de apparencias se lhe tivesse radicado profundamente no

espírito, os menores gestos, as menores palavras de Clara, revelavam o habito de mandar, de ser senhora. — e era verdadeiramente como senhora, que todos, em casa, a tratavam. Dispensada, pela delicadeza organica, dos serviços domesticos, a sua vida corria diversa, inteiramente, da dos paes; e enquanto elles mourejavam em lidas rudes, ella, com as suas frescas toilettes de percale, vinha costurar para a sala da frente, perto do varandim verde, que os vasos de cravos alegravam. O pae era doido por ella; chamava-lhe a «sua princezinhã», e era o primeiro a dar o exemplo de submissão que toda a familia tributava áquella fragil creaturinha, cobrindo-a de mimos perigosos, sempre que regressava extenuada das obrigações do serviço.

— Tu estragas a pequena, com tantas mimalhices, exclamava, ás vezes, a sr.^a Domingas, tentando uma revolta contra o dominio com que a filha os hypnotisava.

— Ora! Tu ainda és peor. Pões-te ás vezes a olhar para ella, nem que fosse p'ra uma santa! — retrocava, invariavelmente, José Elias. E o throno familiar de Clara, cada vez estava mais firme.

Quem menos submissão lhe mostrava, era Estevam, por ser elle, igualmente, o outro idolo da casa. Estas duas creanças, conscientes da sua preponderancia familiar, provocariam decerto a mais funesta desharmonia no casal, se em vez da forte amizade que as unia, os separasse uma d'essas antipathias tão frequentes quando entre dois adolescentes ha a mesma veneração alheia a rivalisal os. Entre elles, creados juntos, nunca houvera a menor discordia; e tendo ambos impertinencias infantis para estranhos, parecia que inconscientemente amaciavam os seus temperamentos, quando communicavam. No tempo de estudante, Estevam associava a filha do Elias ás suas preocupações escolares; e, muitas vezes, Clara aplacou os phrenzis desesperados com que o companheiro se revoltava contra os obstaculos que frequentemente encontrava no labyrinth de algum substancioso thema latino. Por sua vez, o pequeno engeitado buscava sempre ensejo de retribuir estas ligeiras dedicações; nos momentos livres, em casa, muitas vezes a sr.^a Domingas o veio encontrar segurando as meadas que a filha dobava, ou desenhando junto d'ella, sobre a capa de algum velho compendio inutil, floreados monogrammas para a rapariga bordar nos seus lencinhos de gala.

— Aquillo, em elles crescendo — disse um dia, propheticamente, a sr.^a Domingas ao marido, — desata n'uma paixão!

— Se desatar, retrucava, jubiloso, o José Elias, o remedio é dar-lhe um nó, para tornar a atar.

A sr.^a Domingas, sem perceber o jogo de palavras do consorte, ergueu para elle os olhos admirada.

— Um nó?!

— im, um nó! Um nó que o padre dá com a estola, percebes? ...

— O quê?! Pois a Clara havia de casar com ...

— Com o engeitado? — fez o José Elias, accentuando a palavra — E por que não? O favor faz-lh'o ella, se o quizer.

— Não digas asneiras, homem! Elle engeitado, é; mas se lhe apparece o pae de um momento para o outro, fica ahí um lord que se hade poder ver! E aquelles papeis da tua madrinha? Quem te diz até que n'aquella papelada não esteja uma riqueza? ...

— Se estiver, melhor — tornou philosophicamente o sacristão.

— E o mundo que hade dizer? A tia Innocencia dos Casaes é capaz de dizer que nós fizemos bruxedo ao rapaz, p'ra o casar com a nossa filha. Credo! E se o sr. Placido, o pae d'elle ou lá o que é, apparecia? Que havia elle de dizer? ... Jesus! Nada, nada, homem; o melhor é dizer que trabalhe no quarto com a porta fechada e não dê tréla ao rapaz.

— O que tu já estás a arranjar! Elles se tem amizade um ao outro, é porque foram creados juntos; é como se fossem irmãos. Antes isso do que andarem em testilhas!

— Ai, eu tambem digo! Mas o peor, homem, é se aquillo desata em paixão!

— E tu a dar-lhe! — clamou o Elias, impaciente. — Se desatar, ata-se, já te disse! Ora pouco! nem que a Clara não valha o boneco do rapaz! Elle, se a levar, é que vae bem servido: seja rico ou seja pobre! Olha, eu cá, pouco me importa que elle seja filho do Placido Pimenta; se vir que elles gostam um do outro, ponho tudo em pratos limpos, e é marchar para a igreja, antes que o maffrico faça alguma obra!

— Cruze!

— Bem. Isto é para tu não te pões p'ra ahí a dar sentenças. Pão, pão: queijo, queijo. Eu cá sou assim, bem sabes!

TEXTO

A D. TERESA TASSARA EN SUS BODAS

Já prospero lució sobre tu frente
La corona nupcial, mi dulce amiga,
Del Hacedor la mano omnipotente
Tu venturosa union grata bendiga.

Oh! bendígala, sí, que sea eterno
El amor noble e puro que atesora
Ese esposo feliz, á quien tu tierno
y entusiasmado corazón adora.

Bendígala el Señor! Que respandezca
La dicha para ti; e que la esperanza
Siempre a tus ojos apacible ofrezca
Un porvenir de eterna bienandanza.

Tú eres la flor más pura y más galana
Que admira el Betis en su hermosa orilla,
Y el lucero más fulgido que ufana
Muestra en su cielo la oriental Sevilla.

Oh! no hay ninguna que feliz ostente
Labios más puros que tus labios rojos,
Frente más tersa que tu tersa frente,
Ojos más bellos que tus bellos ojos.

No hay cual la tuya celestial mirada,
Ni quien graciosa como tú sonría;
Tu eres bella entre bellas admirada,
Tu eres angel de amor, Teresa mia.

Mas, ah! que no es tan solo la belleza,
Fragil encanto que extinguirse puede,
El alto don que en su eternal grandeza
La mano del Inmenso te concede.

No es tan sólo ese doa, que su clemencia,
Porque en todo levar puedas le palma,
Dió á tu sensibil pecho la inocencia,
Y de virtudes coronó tu alma.

Oh! siempre el mundo, por tu bien, te vea
Cercada del encanto peregrino
De la santa virtud; la virtud sea
El sol que respandezca en tu camino.

Serálo, y ante el pueblo que te admira
De esposas brillará claro modelo;
Y ese que tierno por tu amor suspira
Verá la tierra convertida en cielo.

Oh! que la paz te arrulle lisonjera;
Que lá horrible y funesta disventura
No pueda nunca despiadada y fiera
Grabar sus huellas en tu frente pura.

Jamás tus labios con pesar suspiren;
Huyan de ti la angustia y los dolores,
Y la futura edad tus ojos miren
Siempre ceñida de aromosas flores.

D. Antonia Dias Lamarque.

(Poesias liricas, vol. 1.^o pag. 47, Sevilla, 1893.)

VERSIONE

A D. TERESA TASSARA NEL DI DELLE SUE NOZZE

Già sul tuo capo il serto risplendente
Posò di sposa, o mia diletta amica;
Del Creator la mano onnipotente
L' unione tua felice benedica.

La benedica; e eterno sia l'amore
Nobile e santo che per te nutre ora
Il fortunato sposo che il tuo core
Tenero e entusiasmato ama ed adora.

La benedica! ed a te intorno aleggi
Ogni ventura bella; e la speranza
Ti arrida sí, che il tuo spirito vagheggi
Sempre un dolce avvenir senza mutanza.

Tu eri il fior più gentile, il più vezzoso
Tra i fior ch' ornano il Beti a meraviglia,
Eri l'astro più vago onde orgoglioso
Si mostra il ciel dell'oriental Siviglia.

Donna non v' ha che in suo volto presenti
Labbrì rivali dei tuoi porporini,
Che, al par di te, più tersa fronte ostenti,
Più belli occhi degli occhi tuoi divini.

Tua guardatura é cosa celestiel;
Il tuo sorriso é grazia, é leggiadria;
Fra le belle eri bella e senza eguale;
Eri angelo d'amor, Teresa mia.

Ma ah! non é solo l'esterior bellezza,
Fragile ornato che può disparire,
Il don che nella eterna sua grandezza
La man di Dio ti volle distribuire.

Né é sol tal dono; ché la sua clemenza,
Perché tu possa in tutto aver la palma,
Dié al tuo sensibil petto l'innocenza,
E di virtudi t' ha arricchito l'anima.

Oh! sempre il mondo, per tuo ben, ti veda
Attratta dall'incanto pellegrino
Della santa virtù; la virtù sieda
Sempre al tuo lato, e segni il tuo cammino.

Tu farai questo: e innanzi a chi ti ammira
Sarai di spose esempio salutata;
E quel ch'or solo pel tuo amor sospira
Vedrà la terra in cielo trasformata.

Oh! ti culli una pace lusinghiera;
Né la funesta e orribile sventura
Possa giammai disamorata e fiera
Solcar coll' ugnaria tua fronte pura.

Mai dai tuoi labbrì esca un sospir dolente,
Fuggan da te le angoscie ed i dolori;
L' avvenir sia per te sempre ridente,
Inghirlandato di odorosi fiori.

Prospero Peragallo.

TEXTO

A CRISTÓBAL COLÓN

Salve Colón! Tu genio peregrino
Venciendo dudas, disipando errores,
Fué vivo sol de puros resplandores
De la ciencia en el áspero camino.

Heroe y martir al par, fué tu destino
Gozar con triunfos y sufrir dolores;
Que el grito de tus fieros detractores
Mezcló al aplauso su rencor mezquino.

Aun hoy algunos, coa tenaz insidia,
Manchar pretenden tu immortal memoria,
Altars elevando á la perfidia.

Mas de edad en edad, para tu gloria,
Serás siempre, a despecho de la envidia,
La figura más grande de la historia.

D. José Lamarque de Novoa.

(Cristóbal Colón, FORMA, Sevilla, 1892).

VERSIONE

A CRISTOFORO COLOMBO

Colombo, ave! Il tuo genio pellegrino
Vincendo dubbi, dissipando errori,
Fu vivo Sol d'incogniti splendori
Della scienza nell' áspero cammino.

Mártire e insieme eroe, fu tuo destino
Godér trionfi e sopportar dolori;
Ché l' urlo dei tuoi fieri detrattori
Ardi mischiare al plauso odio meschino.

Anc' oggi alcuni, con proterva insidia,
Tentan macchiar l' augusta tua memoria
Alzando indegni altari alla perfidia.

Ma di etade in età, per la tua gloria,
Sarai sempre, a dispetto dell' invidia,
La figura più grande della storia.

Prospero Peragallo.

EM BOLONHA

Ha na Italia duas nações, a dos vivos e a dos mortos. A dos vivos é brilhante, grande, e cheia de hymnos victoriosos, desde S. Rémo até Milão; descendo pela costa Tyrrhena e subindo pela do Adriatico. A dos mortos tem a eloquencia melancolica dos tumulos; mas é ainda talvez maior que a nação dos vivos. É que na península os mortos são tão illustres, que desaparecidos d'entre os homens, voltam a conversar com elles á clara luz do renome e da immortalidade. Não ha sómente ali tumulos de cidadãos famosos; ha tambem cidades inteiras no tumulo. Bolonha é uma d'estas cidades. A intelligente e activa republica do seculo XII, dorme hoje envolta na grande mortalha do silencio. É a cidade das arcadas, em que as ruas parecem claustros de frades. Quando se percorre á sombra as immensas galerias do arruamento, o transeunte sente o echo dos seus passos, e volta-se, acreditando que alguém o segue, que uma porta ranguu, ou que uma creança chorou.

Ninguém: sómente o silencio e a luz brilhante do sol, desenhando no meio da rua as sombras das arcarias. É uma cidade da idade-média, menos as paixões d'aquelle tempo. A qualquer hora que se percorra Bolonha é sempre este o effeito produzido. É uma necropole antiga, povoada de sombras; communa medieval, sem a torre do appellido, nem as tropas concelheiras. Não é uma cidade da renascença, ainda que lá esteja erguido de pé sobre o throno d'aquella solidão o Neptuno de João de Bolonha. Para este notaval monumento, caminha o viajante, quando lhe pesa no espirito o enorme zumbido do grande silencio. Aquelle monumento de bronze é o unico vivo d'aquella illustre cidade; tão grande é o poder do genio, que produz creações que nunca morrem!

Andei nas ruas desertas de Bolonha á procura da universidade do seculo XII, onde ensinára Irnerio, apprendera Arnaldo de Brescia, e estudára João das Regras o direito romano; e não a encontrei. Vi a universidade d'este seculo, onde á entrada se encontra uma lapide commemorativa dos estudantes, que morreram pela causa italiana. Ah! no meio d'aquella cidade antiga, pouco se me dava da causa da liberdade moderna. O que então me apresava com saudade o animo eram as *escolas geraes* do seculo XII, onde vinham frequentar, em 1.119, 5.000 estudantes de todas as nações da Europa, e 10.000 no seculo XIII. Eram aquellos famigerados *estudos*, cujos creditos foram taes, na idade-média, que deram á cidade a divisa, que ella mandou gravar nas suas moedas: — *Bononia docet*; a universidade medieval finalmente, a do seculo XIV, onde a formosissima Novella Andréa lera o direito justiniano, na ausencia de seu pae, velando a deslumbrante formosura para não desviar a attenção dos ouvintes. Senão, adeus sciencia! Mas ninguém me deu noticias da erudita escola. E nem logrei ver a do seculo XV, onde Propercia di Rossi abriu escola publica de esculptura; menos a que veio depois, a da renascença, onde Laura Bassi ensinou as mathematicas e a physica, Anna Manzolini anatomia, e Clotilde Tambroni o grego. Mostraram-me a do seculo XVIII, onde exerceu o magisterio o illustre José Galvani (1789), o descobridor do *galvanismo*; está, porém, hoje installada no antigo palacio Cellezi, e conta apenas 400 estudantes!

A historia das cidades tem, como a vida dos varões illustres, uma pagina, que, sobreexcedendo as demais, lhes imprime relevo e caracter. Bolonha teve a sua, a Universidade. Não se comprehende aquelle severo municipio de palacios antigos, de ruas tortuosas, e escuro de sombras, sem a *formosa juventus* das escolas. Desde que ella se foi embora, Bolonha entristeceu. Teve, de certo, dias celebrados no campo da arte e nos enredos da politica. Aos fins do seculo XVI, quando as escolas de pintura esmaeciam na Italia, sahia-se Bolonha com os seus Carrache, indo escrever mais uma data gloriosa na grande chronica do tempo. As duas torres, a Azinella e a Garizenda, velhas comadres, lá se ficam ao fim da *strada Hugo Bossi*, para attestar, que assistiram na Romagna ao desdobraimento de graves acontecimentos; viram no claro-escuro da idade-média passar a *silhouette* dantesca de Arnaldo de Brescia; por meio das paixões ardentes da renascença, o vulto reservado de Carlos V, ungido imperador na igreja de S. Petrorio pelo pontifice Clemente VII; seus velhos nomes, os Marescalchi, Caprara e Aldini, um dia, alli vieram dizer a Napoleão I, que era elle um dos mais antigos da cidade. Mas, a historia de Bolonha é outra. Sem o torneio da *escholastica*, ou o *naturalismo* da renascença, em que vinham ás mãos



AS TORRES AZINELLA E GARISENDA, EM BOLONHA

os paladinos da dialectica, ou os cavalleiros da toga; carecida das pugnas escolares, sem a paixão litteraria, já sem voz, a cidade concentra-se. A imitação de madame de Sévigné quando na velhice, escreve memorias; retira da scena do mundo, e cultiva o espirito, para que lhe relevem a decrepidez. O publico, tranquillamente sentado, ainda espera que voltem ao proscenio os dramas historicos, as comedias galantes, os *passé passé* dos prestidigitadores, as visagens dos momos, os saltos dos alcidos e acrobatas, o ruido das festas e tragedias, a vida finalmente com suas paixões espectaculosas. Nada, porém, voltará; o seu ultimo heroe está morto. Chamava-se José Mezzofanti, que aos 36 annos sabia 18 linguas, e aos 60 falava 42. Este polyglotta fez-lhe os catalogos das suas recordações litterarias e scientificas, e morreu. Com elle Bolonha. Hoje já se não diz *Bononia docet*. Chama-se *Bononia grassa*.

Assim empallidecem os destinos!

Conde de Valenças.



REVISTA POLITICA

Continua arrastando-se nas duas casas do parlamento, a discussão da resposta ao discurso da corôa entrecortada por varios incidentes, que vão tomando tempo, de modo a não se chegar a conclusão alguma.

O principal incidente foi o do folheto do sr. Kendal, que teve as honras da sessão do dia 17 na camara dos deputados; um folheto revelador de casos sujos ácerca da criação da companhia das dokas, em que se afirma que o banco Aliança do Porto deu 50.000.000 a uma pessoa encarregada de acompanhar a discussão no parlamento, da lei que criou aquella companhia.

Esta questão, embora não seja da responsabilidade do actual governo, produziu bastante impressão no parlamento, e o sr. ministro do reino, foi o primeiro a levantar a sua voz em defeza do sr. Barros Gomes, ministro da fazenda então, assim como do sr. Villaça que fôra o relator do projecto.

Por este mesmo motivo o sr. Villaça apresentou uma proposta para que fosse nomeada uma commissão de inquerito parlamentar para se es-

clarecer tudo que haja a este respeito, varrendo a sua testada.

Aqui acudiu o sr. conde de Burnay com largas considerações sobre o caso, e fazendo a historia do syndicato Salamanca, acabou por censurar o folheto do sr. Kendal e declarar que os cincoenta contos foram recebidos pelo sr. Vieira de Castro.

Ainda fallaram sobre este incidente mais alguns deputados, concluindo por ser approvada a proposta do sr. Villaça, da nomeação de uma commissão de inquerito parlamentar.

É o molho de pasteleiro d'estas questões que de vez em quando vem ao de cima, acabando sempre por ficar tudo illibado, ou nunca mais se fallar em tal.

Que de casos semelhantes poderíamos apontar se fossemos a fazer o rol da roupa suja, das negociatas que entre governos e politicos resa a historia escandalosa dos ultimos annos.

É melhor, porém, não recordar estas miserias e contentar m'os com as commissões de inquerito, que se não estivessem já inventadas seria preciso inventar as, como diria Fontes Pereira de Mello.

É com estes incidentes que vão entrecortando os varios discursos, em resposta ao discurso da corôa, tem deslizado os dias parlamentares da camara, n'uma cavaqueira, ora alegre, ora estorrada, com que as galerias se tem divertido e o paiz expiado as suas culpas, preparando-se para receber nova sangria, que lhe leve as ultimas gotas de sangue, no aggravamento dos impostos que se está preparando, e que parece tão pouco interessar o parlamento, que este occupa-se de tudo menos das propostas de fazenda apresentadas pelo governo.

Agora foi apresentada pelo sr. ministro do reino a sua proposta de reforma da instrucção primaria e secundaria, que foi lida por sua ex.ª na sessão de 19 do corrente.

Na imprensa d'hoje encontramos grandes elogios ao relatorio que precede a proposta, e que se diz ser feito pelo sr. Jayme Moniz, apreciando a elegancia e bellezas de estylo com que está escripto.

De facto não ha nada para se recomendar qualquer proposta de lei, como é a elevação do estylo e elegancia com que estiver escripto o relatorio que a precede.

Deus queira que a reforma corresponda ás bellezas do relatorio, porque então teremos uma boa organização de estudos, coisa que por cá anda muito mal apesar das successivas reformas por que tem passado.

Pelo que se vê as propostas vão-se accumulando e pelo andamento em que vão os trabalhos parlamentares, é de esperar que passem para a legislatura seguinte, que deve principiar em janeiro.

D'aqui até lá vamos-nos entretendo com as interpellações e os incidentes, como o que appareceu hontem, sobre um telegramma recebido de Cabo Verde que dizia o seguinte:

«Governador matou cozinheiro».

Foi caso que levou o sr. visconde da Torre a perguntar ao sr. ministro do reino o que havia de verdade a este respeito!

Effectivamente era caso.

O governador de Cabo Verde assassinar o cozinheiro!

A resposta do sr. ministro do reino deixou os espiritos suspensos, porque declarou nada lhe constar d'este singular caso.

A sessão tomou um aspecto triste, e o phantasma do cozinheiro assassinado principiou a passear pela sala, com a mesma liberdade com que passeava pelas terras de Cabo Verde, quando era vivo, até que um deputado mais *diestro* e menos medroso de phantasmas, o agarrou á unha!

Era um toiro!

João Verdades.

ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE»

Para 1895

Já está publicado e á venda este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando a Batalha das Flores no Campo Grande.

Preço 200 réis — pelo correio 220 réis.

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Paço Novo, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C.ª